

Jornal dos



Criadores

ÓRGÃO INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES - ANO XII - Nº 71 - DEZEMBRO 2010

ABC

homenageia
destaques
da pecuária

Págs. 3 a 6



Personalidade do ano
João Sampaio



Pecuária de leite
Jorge Rubez



Pecuária de corte
Arnaldo Eijink



Ciência e tecnologia
Luiz Carlos Balbino

Mídia
Donério Almeida



Onde está a brucelose?

Em Santa Catarina praticamente não existe. Já no Mato Grosso do Sul e Rondônia, para cada duas propriedades, em uma a doença está presente. **Pág. 8**

Dietas na medida certa

Pesquisadores acabam de lançar a segunda edição do "BR Corte", que propõe modelos de alimentação de acordo com as peculiaridades de cada sistema de produção de gado de corte. **Pág. 7**

A viabilidade do confinamento

Estudo com 4.516 animais, confinados durante oito meses, mostra os componentes que exerceram maior influência sobre os lucros e custos finais da atividade. **Pág. 10**

A esperança de um Brasil melhor

A Associação Brasileira dos Criadores (ABC) comemora neste mês de dezembro seus 84 anos de fundação e realiza sua festa anual, premiando cinco personalidades escolhidas pelos associados como os destaques de 2010 em suas respectivas áreas de atuação.

Findas as eleições teremos, a partir de janeiro, novos governantes e esperanças renovadas de tempos melhores, em especial para o agronegócio, do qual nossa Associação faz parte e a ele se dedica ao longo de tantos anos, desde 1926. É assim, portanto, com um misto de obrigação (no melhor sentido da palavra) e de regozijo, que no dia 6 de dezembro receberemos em nossa casa aqueles que a comunidade da ABC indicou para nossas justas e merecidas homenagens. São eles, Donário Lopes de Almeida, Luiz Carlos Balbino, Jorge Rubez, Arnaldo Ejsnik e João de Almeida Sampaio Filho. Donário Lopes de Almeida recebe nossa homenagem como destaque na categoria Mídia. Desde novembro de 2007 ele é diretor geral do Canal Rural, emissora que dispersa apresentações. Engenheiro agrônomo e com vários cursos no exterior, Donário Almeida acumulou larga experiência na gestão de empresas da área de genética bovina e também no setor de certificação. É, portanto, um homem que empresta ao setor de comunicação sua rica vivência na pecuária. Como destaque em ciência e tecnologia, nosso homenageado será o engenheiro agrônomo Luiz Carlos Balbino, chefe adjunto de Comunicação e Negócios da Embrapa Cerrados.

Balbino atua como pesquisador em trabalhos sobre física do solo, sistemas de preparo do solo, enraizamento e fertilidade do solo, plantio direto e, especialmente, integração lavoura-pecuária-floresta. Neste último tema, Balbino integra atualmente uma rede de 29 pesquisadores, sediados em uma dúzia de cidades em diferentes regiões do País.

Na nossa sempre batalhadora pecuária de leite,

o homenageado é o batalhador Jorge Rubez, pecuarista de leite em Cruzeiro, no interior de São Paulo, e presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite, a Leite Brasil. A trajetória de Rubez foi sempre ilustrada por essa dupla condição: produtor de leite e militante de todas as causas da pecuária leiteira. A ABC, que se originou da união de produtores de leite, jamais poderá deixar de prestar sua homenagem a Jorge Rubez.

Na categoria pecuária de corte, nosso homenageado será Arnaldo Ejsnik, diretor-presidente do Grupo JD, que mantém rebanhos bovinos na Bahia, Pernambuco e Mato Grosso. Pioneirismo e inovação marcam a história do Grupo JD, que utiliza tecnologia de ponta na criação de gado. A empresa foi pioneira na introdução da rastreabilidade bovina, no início dos anos 1990, e da agropecuária orgânica em nível comercial. Todas as práticas produtivas e comerciais são aliadas à ética, à sustentabilidade ambiental e à responsabilidade social. Por fim, nosso homenageado como personalidade do ano de 2010: João de Almeida Sampaio Filho. A agropecuária não pode prescindir de líderes — e o reconhecimento da ABC a João Sampaio se justifica especialmente pelo papel de liderança que ele exerce. Depois de se dedicar a entidades de seu setor de produção, a barracha, João Sampaio nos contemplou com uma profícua gestão de seis anos na presidência da Sociedade Rural Brasileira e, de 2008 para cá, como secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Os homenageados da ABC se caracterizam pelo trabalho competente e relevante que realizam. Assim, reiteramos as esperanças de um Brasil melhor a partir de 1º de janeiro. Que os nossos novos governantes mirem-se nos homens que trabalham com ética e perseverança, e façam como eles. Em breve teremos um País melhor.

Luís Alberto Moreira Ferreira
Presidente da diretoria executiva



Associação Brasileira dos Criadores
Av. José César de Oliveira, 181 - 11.º andar
Vila Leopoldina
05317-000 São Paulo, SP Brasil
Fone: (11) 3832-9369 - Fax: (11) 3831-2731
abc@abccriadores.com.br
www.abccriadores.com.br

A Associação Brasileira dos Criadores, fundada em 20 de dezembro de 1926 com o nome de Associação Paulista de Criadores de Bovinos, é reconhecida como entidade de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958. Registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob n.º 35, como jurisdição nacional.

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTE Luís Alberto Moreira Ferreira

1º VICE-PRESIDENTE José Ricardo Skowronski Rezzonde

2º VICE-PRESIDENTE José Roberto Ferreira Martins

1º SECRETÁRIO Ney Soares Pegas

1º TESOUREIRO Luiz Francisco Pavan Silveira

2º TESOUREIRO Francisco Márcio da Costa Carvalho

CONSELHO DELIBERATIVO

PRESIDENTE Carlos Eduardo Moreira Ferreira

VICE-PRESIDENTE José Luiz de Paula Eduardo

CONSELHEIROS NATOS Guilherme Monteiro Junqueira,
José Casiano Gomes dos Reis Júnior, Luís Alberto Moreira
Ferreira

CONSELHEIROS EFETIVOS Roberto Rodrigues, Carlos
Eduardo Moreira Ferreira, Sílvio Maria Crespi, Joaquim
Alicinara M. D'Oliveira, José Luiz de Paula Eduardo, Eduardo
Dias Roxo Nobre, Márcio Pereira Lima, Carlos Roberto
Moreira Ferreira

CONSELHEIROS SUPLENTEs Eduardo Nunes Guiso,
Alain Charles Edouard Moreau, Isabel Sampaio Moreira Pegas

CONSELHO FISCAL

TITULARES Eugenio Salgueiro Gomes, Maria Aparecida
Bouchardet, César Augusto Carro

SUPLENTE Newton Ferreira da Silva

acadêmica

O Jornal dos Criadores é editado pela
Acadêmica Agência de Comunicação
Rua Engenheiro José Si Rocha 61,
São Paulo, SP | (11) 5081-5237.
Edição José Roberto Ferreira
Reportagem Angela Trabbold, Elton Alisson
e Evanildo da Silva
Projeto gráfico e editoração A. C. Prado

ABC comemora 84 anos de fundação

No dia 6 de dezembro, a partir das 19hs, a Associação Brasileira de Criadores vai reunir, em sua sede em São Paulo, diretores, associados e parceiros para a comemoração de seus 84 anos de fundação. E como já se tornou tradição, a ABC mais uma vez vai aproveitar a passagem de seu aniversário para homenagear pessoas que, de diferentes maneiras, contribuem para o aprimoramento da pecuária brasileira. "Além de sempre procurar fazer o melhor para os nossos pecuaristas, entendemos que é papel da ABC, por ser uma



das mais antigas entidades do setor, expressar seu reconhecimento a quem também ajuda na melhoria da nossa pecuária", afirma Luis Alberto Moreira Ferreira, presidente da entidade criada em dezembro de 1926. "Os avanços da nossa pecuária são o resultado da soma de diferentes esforços; precisamos reconhecer quem faz esses esforços", acentua.

Os homenageados de 2010, como de praxe, foram escolhidos pela diretoria, pelos conselheiros e por associados da ABC.

Homenageados ABC 2010

A Associação Brasileira de Criadores vai homenagear como Personalidade do Ano o produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, João de Almeida Sampaio Filho. Serão reconhecidos também o pecuarista Jorge Rubez, como destaque

da pecuária de leite, e os engenheiros agrônomos Arnaldo Johannes Jozeph Eijsink, como destaque na pecuária de corte, Luiz Carlos Balbino, com destaque na área de ciência e tecnologia, e Donário Lopes de Almeida, destaque na área de mídia.

Conheça, a seguir, um pouco mais dos homenageados.

João Sampaio | Personalidade do Ano



Na gestão de João Sampaio na Secretaria da Agricultura, São Paulo retomou as exportações de carne bovina para Rússia e União Européia, dois mercados importantes.

João de Almeida Sampaio Filho, 45 anos, nasceu na capital paulista. Economista e produtor rural nos Estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná, esteve à frente de diversas entidades ligadas ao agronegócio. Foi presidente da Associação dos Produtores de Borracha do Estado do Mato Grosso e vice-presidente da Associação Paulista do setor. Ocupou também a presidência da Câmara Setorial Nacional de Borracha e da Comissão Nacional da Borracha da Confederação Nacional da Agricultura. Foi vice-presidente na Associação Comercial do Estado de São Paulo, conselheiro da Associação Brasileira do Agronegócio de Ribeirão Preto e, a partir de 2002, ocupou a presidência da Sociedade Rural Brasileira, função que deixou para assumir, em 2008, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Na Secretaria, João Sampaio ampliou a abrangência do programa de financiamento a produtores rurais (FEAP), dando acesso a este crédito de 3% de juros ao ano para a classe média rural, alterando o perfil do beneficiário para aqueles com renda bruta anual de até R\$ 400 mil.

Lançou pacotes regionais de agricultura, com medidas focadas nas vocações das regiões agrícolas, como no Vale do Ribeira e sudoeste Paulista. Inovou na parceria entre o Governo e os moinhos de trigo, para aumento da produção paulista do grão. Retomou o status sanitário de São Paulo de livre de aftosa com vacinação, suspenso desde outubro de 2005 pela OIE devido aos casos de aftosa no Mato Grosso e no Paraná. Retomou também as exportações de carne bovina paulista para dois mercados fundamentais: Rússia e União Européia. Realiza uma reestruturação do sistema de defesa agropecuária, com informatização de procedimentos e busca do alimento seguro da produção à mesa do consumidor. Reativou a colaboração entre a Secretaria e as Câmaras Setoriais das cadeias produtivas do agronegócio paulista, e atuou no protocolo entre Governo do Estado e setor canavieiro para o fim das queimadas, com a redução dos prazos para a completa mecanização da colheita.



Arnaldo Eijsink | Pecuária de corte

Arnaldo Johannes Jozeph Eijsink, 58 anos, é engenheiro agrônomo e diretor-presidente do Grupo JD, que mantém rebanhos bovinos na Bahia, Pernambuco e Mato Grosso. A pecuária orgânica já é aplicada em 50% do rebanho bovino do Grupo JD, o que faz da fazenda São Marcelo uma das maiores produtoras de carne orgânica da América Latina, certificada de acordo com normas internacionais.

Antes de trabalhar no Grupo JD, Arnaldo Eijsink foi, entre 1989 e 2007, diretor agropecuário do Carrefour. Nesta função, se destacou pelo desenvolvimento de atividades agropecuárias e pela

implantação de um sistema de certificação (certificado Garantia de Origem – GO) para produtos de origem agrícola visando atender os preceitos da sustentabilidade. Trabalhou também no Grupo Bonfiglioli, como diretor agropecuário, cuidando da produção em fazendas próprias para atender as fábricas da Cica Brasil, e no Grupo Bozano-Simonsen, como gerente técnico na área de plantio e desenvolvimento da fazenda de laranjas. Atuou na fundação da Associação dos Produtores e Exportadores de Uvas do Vale do São Francisco e do IPAS (Instituto Pró Alimento Sustentável).



Arnaldo Eijsink utiliza práticas sustentáveis no manejo dos rebanhos, o que tornou o Grupo JD referência em criação de gado orgânico.

Jorge Rubez | Pecuária de leite



Além de produzir leite, Jorge Rubez tem uma antiga e ampla militância para que o setor ganhe qualidade e tenha sua importância reconhecida no País.

Jorge Rubez, agrimensor e engenheiro civil, é produtor de leite na Fazenda Palmeira da Barra, no município de Cruzeiro (SP), e presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite – Leite Brasil. Foi fundador e primeiro presidente do Sindicato Rural de Cruzeiro e delegado de Cruzeiro na Federação da Agricultura do Estado de São Paulo. Foi fundador, conselheiro e diretor da Associação Brasileira dos Produtores de Leite B, e também fundador e primeiro presidente da Câmara Setorial da Pecuária Leiteira, da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado de São Paulo. Foi membro da Federación Latinoamericana de Lechería (Fepale) e da delegação brasileira junto ao Mercosul, para a harmonização das normas dos produtos lácteos. Foi palestrante, em seminários sobre a pecuária leiteira, no Brasil, Chile, Uruguai,

Paraguai e Argentina. Atualmente, Jorge Rubez participa das seguintes organizações:

- Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Leite do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.
- Presidente da Câmara Setorial de Leite e Derivados da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.
- Comissão Nacional de Pecuária de Leite da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA.
- Coordenador da Mesa Diretora de Assuntos Técnicos de Pecuária Leiteira da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo.
- Diretor de Pecuária Leiteira da Sociedade Rural Brasileira
- Conselheiro da Láctea Brasil – Associação para o Progresso do Agronegócio Lácteo.
- Membro do Conselho Superior de Agronegócios da FIESP.



HOMENAGEADOS ABC 2010

Luiz Carlos Balbino | Ciência e tecnologia

O engenheiro agrônomo Luiz Carlos Balbino é chefe adjunto de Comunicação e Negócios da Embrapa Cerrados. Tem doutorado na área de física do solo pelo Instituto Nacional Agronômico de Paris-Grignon e atua principalmente nos temas integração lavoura-pecuária-floresta, plantio direto, física do solo, sistemas de preparo do solo, enraizamento e fertilidade do solo.

Analista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1984, já foi chefe de Pesquisa e Desenvolvimento e também chefe

de Comunicação e Negócios na Embrapa Arroz e Feijão, titular da Gerência de Planejamento e Negócios da Embrapa Transferência de Tecnologia e supervisor no Departamento de Transferência de Tecnologia da Embrapa. Atualmente coordena o projeto Transferência de Tecnologia para Sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta e participa da elaboração do plano setorial para agricultura de baixa emissão de carbono. Atua ainda com professor de pós-graduação na Universidade Federal de Goiás (UFG).



Buscar os melhores resultados para os sistemas que integram lavoura, pecuária e floresta é o principal trabalho realizado atualmente por Luiz Carlos Balbino.

Donário Lopes de Almeida | Mídia

Donário Lopes de Almeida é diretor geral do Canal Rural. Engenheiro agrônomo pela UFRGS, tem MBA pela Business School SP e fez cursos executivos em marketing e agribusiness pela Harvard Business School, administração de rede de vendas e marketing pela Wisconsin University e gestão em mercados globais pela Toronto University. Atuou por 14 anos no setor de genética bovina em cargos de direção na canadense Alta Genetics e na americana ABS-Genus, e foi presidente da ASBIA – Associação Brasileira de Inseminação Artificial por duas gestões. Em 2003, dirigindo a área comercial da empresa Meta Informática, participou ativamente no competitivo mercado de tecnologia da informação. Entre 2004 e 2006, passou pela Planejar Certificações, focado no crescente mercado de exportação de carne bovina brasileira. Em dezembro de 2006 assumiu a

direção comercial do Canal Rural e, a partir de novembro de 2007, passou a liderar a gestão da emissora como diretor geral. O Canal Rural faz parte da principal plataforma de comunicação do agronegócio do Brasil, e é a TV segmentada mais assistida pelos tomadores de decisão do setor, segundo pesquisa Ipsos Marplan. Lançada em novembro de 1996, a emissora tem cobertura nacional e, segundo pesquisa Vox Populi, é reconhecida como o veículo que melhor representa o segmento. Pertencente ao Grupo RBS, o Canal Rural leva informação e entretenimento a milhões de produtores espalhados pelo País. Sua programação oferece 18 horas diárias de jornalismo, entretenimento e shopping rural, e pode ser assistida pelos canais 35 da NET, 105 da SKY, 108 da Via Embratel; pelas operadoras NEO TV, pela parabólica ou em tempo real pelo site www.canalrural.com.br.



Donário Almeida, como engenheiro agrônomo, levou para o Canal Rural sua experiência de trabalho em diversos setores da agronegócio.

As homenagens da ABC em retrospectiva

Veja quem já foi reconhecido pela Associação Brasileira dos Criadores. As homenagens tiveram início em 2002.



Personalidades do Ano

2002	Pratini de Moraes, João Carlos Meirelles e Roberto Rodrigues
2003	Roberto Rodrigues
2004	Roberto Rodrigues
2005	Antonio Ernesto de Salvo
2007	Kátia Abreu
2008	Silvio Crestana
2009	Ronaldo Caiado



Destaques Pecuária de Corte

2003	Jovelino Carvalho Mineiro
2004	Carlos Viacava
2005	Ovidio Carlos de Brito
2007	Fernando Penteado Cardoso
2008	Antônio Russo Netto
2009	Sebastião Guedes



Destaques Pecuária de Leite

2003	Olavo Barbosa
2004	Roberto Hugo Jank
2005	Lair Antonio de Souza
2007	Paulo Fernando Machado
2008	Flavio Guarani
2009	Enrico Salzano



Destaques Ciência e tecnologia

2004	Sergio De Zen
2005	Maria Aparecida Cassiano Lara



Destaques Mídia

2004	José Carlos Cafundó de Moraes
2005	Maristela Teixeira Franco



Dietas de acordo com as necessidades energéticas

O Brasil abriga o maior rebanho bovino comercial do mundo, com cerca de 170 milhões de cabeças registradas pelo censo agropecuário de 2006. Calcula-se que esse efetivo tenha, em 2009, se aproximado das 200 milhões de cabeças, quando foram registrados 27,9 milhões de indivíduos abatidos. Nesse mesmo ano, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, foram exportados mais de US\$ 4 bilhões em carcaças. O rebanho bovino é, atualmente, responsável por mais de 26% do PIB agropecuário brasileiro.

Segundo o docente da Universidade Federal de Lavras (Ufla), Mario Luiz Chizzotti, esse grande volume de cabeças de gado abatidas e comercializadas se deve, em parte, à melhoria na eficiência econômica das dietas dos diferentes sistemas de produção brasileiros. "Os custos com alimentação chegam a corresponder a mais de 70% dos gastos operacionais totais, dependendo da fase de criação dos animais e do nível de produção desejado", explica.

O professor e outros três colegas da Universidade Federal de Viçosa (UFV) acabam de lançar a segunda edição do "BR Corte", publicação que propõe modelos de alimentação de acordo com as peculiaridades de cada siste-

ma de produção de gado de corte. A obra reúne experimentos realizados nos últimos vinte anos e traz, além do valor nutritivo dos alimentos, uma série de tabelas com recomendações nutricionais, considerando as exigências dos zebrinos brasileiros.

"Ao aplicar os resultados desses estudos para a formulação de dietas, os criadores conseguem oferecer os nutrientes demandados pelos animais com exatidão, com base nas informações sobre as necessidades de suas classes sexuais, grupos genéticos e sistemas de produção, evitando assim o excesso e o desperdício de nutrientes. Com isso, os animais podem expressar todo seu potencial genético e os produtores atingem o ponto ótimo econômico da produção", explica.

Além das vantagens econômicas, a aplicação desses modelos de dietas focadas nas necessidades energéticas dos zebrinos também contribui para a redução da excreção de nutrientes que aumentam a poluição ambiental. "Uma dieta com adequado teor proteico, por exemplo, contribui para a diminuição da excreção urinária de compostos nitrogenados pelos animais e, conseqüentemente, para a menor formação de óxido nítrico", afirma o docente.

Estima-se que as atividades relacionadas à pecuária sejam responsáveis por 16% da poluição mundial, devido principalmente à emissão de gases que causam o efeito estufa, como o metano (CH₄). "Otimizando a dieta dos animais, o peso de abate é atingido mais precocemente e uma quantidade menor de gases é emitida na atmosfera", explica Chizzotti. Os experimentos que deram origem ao livro "BR Corte" foram conduzidos com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ■



BR Corte: modelos de alimentação de acordo com as peculiaridades de cada sistema de produção.

Custos com alimentação podem corresponder a mais de 70% dos gastos operacionais

Estudo indica a prevalência da brucelose no País

Um amplo diagnóstico sobre a prevalência da brucelose bovina no País acaba de ser concluído pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Conduzido por pesquisadores da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da Universidade de São Paulo (USP), o estudo avaliou a prevalência da doença em 15 estados – onde se concentra a maior parte do rebanho nacional – e já está subsidiando as estratégias nacionais de combate e prevenção da brucelose bovina.

De acordo com um dos coordenadores do levantamento, o chefe da Divisão de Brucelose e Tuberculose do Ministério José Ricardo Lobo, as áreas de menor prevalência da brucelose estão em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

“Um dos principais efeitos práticos do estudo, que gerou dados sobre mais de 80% do rebanho nacional, foi a proibição, em Santa Catarina, do uso da B19, a vacina oficial contra a doença no Brasil. Em função da baixa prevalência da brucelose no Estado, a vacina não estava mais trazendo resultados benéficos, pelo contrário, estava interferindo no diagnóstico da doença”, explica.

Mato Grosso do Sul e Rondônia apresentaram prevalências próximas a 50%.

A prevalência de animais soropositivos em Santa Catarina foi de 0,06%, resultado semelhante aos obtidos em dois estudos anteriores realizados no Estado, em 1975 e 1996, que estimaram a prevalência da doença em 0,2% e 0,6%, respectivamente. Esses dados demonstram que a região tem, historicamente, baixa prevalência de brucelose, provavelmente em virtude das características produtivas do Estado,

constituído por pequenas propriedades com poucos animais.

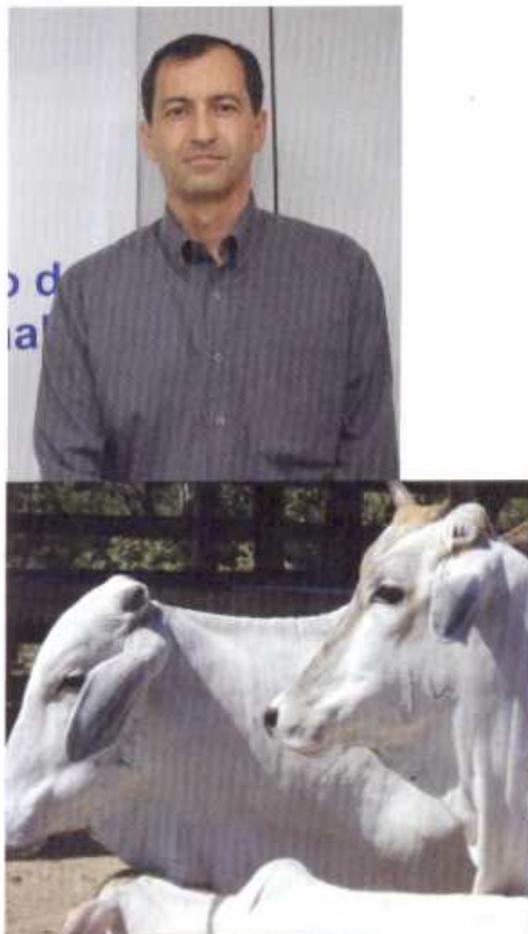
O levantamento do MAPA mostra, no entanto, que a prevalência da doença aumenta significativamente nas regiões que começam no Sul e vão em direção ao Centro-Oeste do País. Uma redução de prevalência foi verificada no Estado de Minas Gerais, que, ao lado do Rio Grande do Sul, foi pioneiro na implantação de estratégias de vacinação no País, antes mesmo da criação do Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose (PNCEBT), em 2001. “Em Minas, a prevalência da zoonose caiu de 6% para 1%”, aponta Lobo. Estados como Mato Grosso do Sul e Rondônia, por outro lado, apresentaram prevalências próximas a 50%, ou seja, a cada duas propriedades, uma está infectada. “Em linhas gerais, a prevalência de brucelose no Brasil é considerada de média a alta.”

O PNCEBT foi criado pelo MAPA para aumentar o conhecimento da situação epidemiológica da brucelose no País e minimizar seu impacto negativo sobre a pecuária. Estudos semelhantes serão desenvolvidos nos próximos anos para, entre outras abordagens, permitir a obtenção de uma série histórica para a comparação de dados e acompanhamento da dinâmica da evolução da brucelose no País. “Seguindo o exemplo das propriedades do Mato Grosso e Goiás que, com base nos resultados do trabalho, tiveram sua vacinação reforçada, esperamos que os próximos estudos apontem uma menor prevalência da doença no Centro-oeste para que novas estratégias de controle da doença sejam elaboradas na região”, aponta.

Na avaliação de José Ricardo Lobo, o nível de conhecimento dos produtores brasileiros sobre a zoonose é ainda muito baixo. “A brucelose é uma doença crônica que, apesar de provocar perdas da ordem de 10% a 20% na produtividade de leite e de carne, não manifesta sinais ou sintomas muito claros, o que facilita o baixo nível de consciência dos criadores no que se refere à suas cau-

sas e efeitos”, afirma. A brucelose bovina também pode ser transmitida aos seres humanos, que são infectados ao entrar em contato com os animais ou consumir produtos contaminados, em especial laticínios produzidos com leite não pasteurizado. Os sintomas, no homem, são similares aos da gripe, incluindo febre, dores e fraqueza muscular.

Financiado pelo Mapa, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o projeto custou cerca de R\$ 20 milhões. Os estudos publicados no Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia estão disponíveis em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-093520090007&lng=pt&nrm=iso. ■



José Ricardo Lobo, do MAPA, e animais vacinados:

uma das exigências da estratégia de combate à brucelose é a marcação na face esquerda com a letra “V” e o algarismo final do ano de vacinação da fêmea.

Viabilidade econômica do confinamento em teste

Aquisição de animais, alimentação, mão-de-obra, sanidade e impostos fixos são, em ordem decrescente, os itens que exercem maior influência sobre os custos operacionais da atividade de confinamento de bovinos de corte no País, de acordo com um estudo de caso realizado por pesquisadores do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras (Ufla). No experimento, foram analisados 4.516 animais, confinados durante oito meses em uma fazenda no oeste de Minas Gerais, para identificar os componentes que exerceram maior influência sobre os lucros e custos finais da atividade. Um dos objetivos foi apresentar uma análise econômica desse sistema aos produtores brasileiros, para que estes possam conhecer em detalhes todos os fatores de produção, de modo a maximizar os lucros e minimizar os custos.

Para a análise de rentabilidade, foram coletadas todas as receitas e despesas operacionais referentes à engorda dos animais, além dos bens utilizados no confinamento. O ciclo de engorda dos animais foi de aproximadamente 100 dias a partir de uma dieta formada basi-

camente de silagem de capim-elefante, milho e cana-de-açúcar.

Os animais estudados, da raça nelore e cruzados (holandês e zebu), pesavam em média 357 quilos e, ao entrarem no confinamento, todos foram vermifugados e vacinados contra raiva, aftosa, gangrena gasosa e carbúnculo sintomático. Depois de 45 dias, receberam uma dosagem de modificador orgânico e foram novamente pesados. Em seguida, foram remanejados aos currais de engorda, agrupando-se os animais com peso semelhantes para a formação de lotes mais homogêneos. Os currais de engorda do experimento eram de terra batida compactada com 12 divisões, numa área total de 13,5 mil metros quadrados, sendo aproximadamente 6,76 metros quadrados de área por animal.

Segundo o docente da Ufla responsável pelo trabalho, Marcos Aurélio Lopes, a análise de rentabilidade mostrou que a criação de bovinos de corte nesse tipo de confinamento apresenta viabilidade econômica. "A margem bruta, que são as receitas menos o custo operacional efetivo, foi de R\$ 166 mil, o que mostra que a atividade está se remunerando", aponta. A margem líquida do confinamento estudado, que é a receita menos o custo operacional total, foi de R\$ 145 mil, mostrando que a atividade também é estável, com possibilidade de expansão ou de se manter a médio prazo. "O resultado, que é a diferença entre as receitas e o custo total, teve um valor de cerca de R\$ 9 mil. Essa é a prova de que a atividade é lucrativa e possibilita a capitalização do empresário", aponta.

No que diz respeito às despesas operacionais efetivas, 66% do total de gastos foram com a aquisição dos animais, 30% com alimentação, 0,04% com taxas fixas como Imposto sobre a Propriedade

Estudo identificou os fatores de maior influência sobre os lucros e custos da atividade

Terrestre Rural (ITR) e Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), 0,66% com a mão-de-obra dos funcionários e apenas 0,22% com vacinas e vermífugos. Foram gastos ainda 1,7% com despesas operacionais como óleo diesel, energia elétrica, manutenção de máquinas e frete dos animais.

"As despesas com sanidade mostram que nada justifica o produtor deixar de vacinar seus animais, nem mesmo deixar de realizar o controle de parasitas, cujos prejuízos decorrentes da presença dessas doenças podem influenciar significativamente na rentabilidade", ressalta Lopes. Os pecuaristas também devem dar uma atenção especial às despesas com aquisição dos animais. "Uma pequena economia, sem deixar de lado a qualidade dos animais, pode representar uma redução considerável do custo operacional efetivo, que também refletirá na lucratividade e na rentabilidade", disse.

De acordo com o estudo de caso, a receita total referente à venda dos 4.516 bovinos foi de quase R\$ 4 milhões, sendo que a lucratividade, representada pelo lucro sobre a receita, foi de 0,23%, enquanto que a rentabilidade foi de 11%. Os animais foram vendidos com uma média de 15,67 arrobas, obtendo um ganho médio de 3,75 arrobas no período de engorda e um rendimento de carcaça médio de 51,15%. "O confinamento de bovinos de corte do sistema de produção analisado apresentou viabilidade econômica, evidenciando que a atividade tem condições de sobreviver no longo prazo", conclui o pesquisador. ■



Confinamento: atividade é lucrativa e possibilita a capitalização do empresário



Domínio do mercado por grandes empresas pode provocar a queda no preço da arroba

Os impactos da concentração dos frigoríficos

A recente crise econômica mundial provocou a falência de pelo menos 50 pequenos e médios frigoríficos brasileiros, que abatiam cerca de 36 mil cabeças de gado por dia, estima a Associação Brasileira dos Frigoríficos (Abrafrigo). Em contrapartida, grandes frigoríficos nacionais aproveitaram a oportunidade para ir às compras, adquirindo unidades de abate que entraram em dificuldades financeiras devido à queda nas exportações. O resultado dessa movimentação no setor foi o acirramento de uma tendência de concentração do mercado brasileiro de carnes iniciada nos últimos anos que pode ser tanto nociva como benéfica para os criadores, avaliam os analistas do setor.

“Para a pecuária interna, essa tendência de concentração do setor é prejudicial”, avalia o zootecnista e consultor de mercado de boi gordo, carne e leite da Scot Consultoria, Alex Santos Lopes da Silva. “Quando há grandes empresas dominando o mercado, diminui a gama de compradores e o poder de barganha dos produtores. E a consequência direta disso é a queda do preço pago pela arroba do boi”, explica.

Segundo o especialista, esse efeito negativo da concentração do mercado brasileiro de carnes ainda não está sendo sentido com muita intensidade no setor porque nos últimos anos está ocorrendo uma alta de preços da arroba do boi em razão da baixa oferta do gado. Mas se acontecer uma inversão nesse cenário eles se tornarão mais evidentes. “Se hoje nós tivéssemos maior oferta de gado o preço da arroba do boi estaria em patamares mais baixos”, estima.

De acordo com cálculos da Abrafrigo, das 700 unidades de abate bovino em funcionamento no Brasil, mais de 100 são controladas pelos maiores frigoríficos brasileiros – JBS-Friboi, Marfrig, Minerva e Mataboi, pela ordem. Juntos, eles detêm 30% da capacidade do abate fiscalizado e são responsáveis por 90% das exportações de carne bovina e por 35% do mercado interno.

VANTAGENS – Mas se por um lado a concentração no mercado brasileiro de carnes pode trazer efeitos negativos para alguns elos da cadeia produtiva do setor, por outro ela também pode apresentar algumas vantagens. Uma delas, é contribuir para a pro-

fissionalização da cadeia produtiva do setor, que ainda é bastante informal, apontam os especialistas.

“Para atuar no mercado internacional, os frigoríficos brasileiros estão tendo que cumprir uma série de exigências comerciais e sanitárias”, afirma a professora da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), Maria Sylvia Macchione Saes. “Isso deve estimular a diminuição da informalidade nessa cadeia produtiva, que precisa evoluir tecnologicamente e aprimorar suas atividades de gestão”, afirma. Porém, a economista também chama a atenção para a necessidade dos integrantes do setor se organizarem para controlar e coibir eventuais distorções na relação entre os produtores rurais e os frigoríficos.

Um dos mecanismos que os produtores rurais poderiam adotar para se proteger desse aumento de poder dos frigoríficos é a celebração de contratos de compra e venda, sugere o advogado de direito civil e agrário e professor de Direito da Universidade de São Paulo (USP), Fernando Campos Scaff. De acordo com o jurista, por esse tipo de contrato de longo prazo já utilizado em outros segmentos agroindustriais, como na citricultura, seria possível assegurar o equilíbrio de forças na relação entre os pecuaristas e os frigoríficos que, com o acirramento da concentração do setor, tende a se tornar cada vez mais desigual.

“Com o aumento da concentração econômica, os produtores têm cada vez menos recursos para impor seus interesses”, afirma. “A ideia da celebração de um contrato é estabelecer previamente as condições de compra e venda e regular a negociação entre os produtores e os frigoríficos, que hoje é totalmente informal”, conta.

Outra solução para diminuir a concentração no setor é aumentar o apoio do governo aos pequenos e médios frigoríficos. De acordo com especialistas do setor, no auge da última crise econômica mundial, enquanto dezenas de pequenos e médios frigoríficos estavam quebrando, o BNDES, seguindo sua estratégia de capitalizar grandes frigoríficos brasileiros para transformá-los em gigantes mundiais, realizou um grande investimento no Marfrig para auxiliá-lo a comprar uma empresa estrangeira. ■



Domínio do mercado por grandes empresas pode provocar a queda no preço da arroba

Os impactos da concentração dos frigoríficos

A recente crise econômica mundial provocou a falência de pelo menos 50 pequenos e médios frigoríficos brasileiros, que abatiam cerca de 36 mil cabeças de gado por dia, estima a Associação Brasileira dos Frigoríficos (Abrafrigo). Em contrapartida, grandes frigoríficos nacionais aproveitaram a oportunidade para ir às compras, adquirindo unidades de abate que entraram em dificuldades financeiras devido à queda nas exportações. O resultado dessa movimentação no setor foi o acirramento de uma tendência de concentração do mercado brasileiro de carnes iniciada nos últimos anos que pode ser tanto nociva como benéfica para os criadores, avaliam os analistas do setor.

“Para a pecuária interna, essa tendência de concentração do setor é prejudicial”, avalia o zootecnista e consultor de mercado de boi gordo, carne e leite da Scot Consultoria, Alex Santos Lopes da Silva. “Quando há grandes empresas dominando o mercado, diminui a gama de compradores e o poder de barganha dos produtores. E a consequência direta disso é a queda do preço pago pela arroba do boi”, explica.

Segundo o especialista, esse efeito negativo da concentração do mercado brasileiro de carnes ainda não está sendo sentido com muita intensidade no setor porque nos últimos anos está ocorrendo uma alta de preços da arroba do boi em razão da baixa oferta do gado. Mas se acontecer uma inversão nesse cenário eles se tornarão mais evidentes. “Se hoje nós tivéssemos maior oferta de gado o preço da arroba do boi estaria em patamares mais baixos”, estima.

De acordo com cálculos da Abrafrigo, das 700 unidades de abate bovino em funcionamento no Brasil, mais de 100 são controladas pelos maiores frigoríficos brasileiros – JBS-Friboi, Marfrig, Minerva e Mataboi, pela ordem. Juntos, eles detêm 30% da capacidade do abate fiscalizado e são responsáveis por 90% das exportações de carne bovina e por 35% do mercado interno.

VANTAGENS – Mas se por um lado a concentração no mercado brasileiro de carnes pode trazer efeitos negativos para alguns elos da cadeia produtiva do setor, por outro ela também pode apresentar algumas vantagens. Uma delas, é contribuir para a pro-

fissionalização da cadeia produtiva do setor, que ainda é bastante informal, apontam os especialistas.

“Para atuar no mercado internacional, os frigoríficos brasileiros estão tendo que cumprir uma série de exigências comerciais e sanitárias”, afirma a professora da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), Maria Sylvia Macchione Saes. “Isso deve estimular a diminuição da informalidade nessa cadeia produtiva, que precisa evoluir tecnologicamente e aprimorar suas atividades de gestão”, afirma. Porém, a economista também chama a atenção para a necessidade dos integrantes do setor se organizarem para controlar e coibir eventuais distorções na relação entre os produtores rurais e os frigoríficos.

Um dos mecanismos que os produtores rurais poderiam adotar para se proteger desse aumento de poder dos frigoríficos é a celebração de contratos de compra e venda, sugere o advogado de direito civil e agrário e professor de Direito da Universidade de São Paulo (USP), Fernando Campos Scaff. De acordo com o jurista, por esse tipo de contrato de longo prazo já utilizado em outros segmentos agroindustriais, como na citricultura, seria possível assegurar o equilíbrio de forças na relação entre os pecuaristas e os frigoríficos que, com o acirramento da concentração do setor, tende a se tornar cada vez mais desigual.

“Com o aumento da concentração econômica, os produtores têm cada vez menos recursos para impor seus interesses”, afirma. “A ideia da celebração de um contrato é estabelecer previamente as condições de compra e venda e regular a negociação entre os produtores e os frigoríficos, que hoje é totalmente informal”, conta.

Outra solução para diminuir a concentração no setor é aumentar o apoio do governo aos pequenos e médios frigoríficos. De acordo com especialistas do setor, no auge da última crise econômica mundial, enquanto dezenas de pequenos e médios frigoríficos estavam quebrando, o BNDES, seguindo sua estratégia de capitalizar grandes frigoríficos brasileiros para transformá-los em gigantes mundiais, realizou um grande investimento no Marfrig para auxiliá-lo a comprar uma empresa estrangeira. ■

Presidente da ABC visita o SIAL

O presidente da ABC, Luis Alberto Moreira Ferreira, visitou a edição deste ano do Salão Internacional da Alimentação, realizado de 17 a 21 de outubro no Parque de Exposições Nord Villepinte, em Paris, França. O evento ocorre a cada dois anos, e o presidente da ABC tem visitado o SIAL regularmente. "É uma das maiores feiras de alimentação do mundo, que revela tendências do mercado internacional e, por isso, pode mostrar o potencial dos produtos brasileiros diante dos consumidores de diversos países", afirma.

A edição deste ano do Salão teve cerca de 5.600 expositores, provenientes de 105 países. O público total foi de aproximadamente 148 mil visitantes, a maior parte oriunda de mais de 180 países. Um em cada quatro visitantes do SIAL é atacadista, importador ou exportador. Estima-se que cerca de 1.500 jornalistas, de dezenas de países, fizeram a cobertura do evento.

Segundo a Apex (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos), no SIAL 2010 a delegação brasileira teve um número recorde de 134 empresas, de 15 setores: carne bovina, de frango e suína; café; biscoitos e massas; chocolates, balas e confeitos; lácteos, frutas, sucos, castanhas e temperos; vinhos, cachaça e frutas exóticas da Amazônia.

O estande da Apex teve um ambiente destinado a receber os visitantes interessados em conhecer e saborear receitas preparadas com ingredientes tipicamente brasileiros. O Espaço Gourmet contou com a presença profissionais, especialistas em alimentos, que ficaram responsáveis pela criação de bebidas e pratos a partir dos ingredientes fornecidos pelos expositores brasileiros.

Além do Espaço Gourmet, o estande apresentou uma solução interativa chamada Menu Sabores do Brasil com o objetivo de possibilitar aos visitantes vivenciar a experiência de escolher um menu de receitas brasileiras, além de conhecer um pouco mais sobre os produtos e a produção de alimentos no Brasil. 



No SIAL, Luis Alberto manteve contato com representantes de frigoríficos e interessados na exportação de carne bovina.

As empresas de carne bovina participaram do Projeto Brazilian Beef.



O SIAL deste ano contou com 5.600 expositores, provenientes de 105 países.



Os cerca de 148 mil visitantes eram originários de mais de 180 países.

